

FREI JOÃO DE SANTA ÂNGELA ALAGOAS (1709-1756): “MISSIONÁRIO DE LETRAS E VIRTUDES”

Mônica Costa Santos¹
Universidade Federal de Alagoas

Introdução

O gênero biográfico tem passado por mudanças consideráveis sobretudo a partir das últimas décadas do século passado. Na tentativa de superar o ranço positivista, que trazia à luz apenas os estudos institucionais e os grandes vultos da pátria, os pesquisadores, que seguiram de perto a convocação da Escola dos *Annales*, voltaram-se para outros campos do saber histórico, a fim de valorizar as estruturas econômica e mental. Isso fez com que a biografia histórica padecesse durante décadas “das fraquezas geradas por uma terra árida e abandonada”.

A partir das concepções difundidas pelos estudiosos ligados a Nova História francesa, ainda de acordo com o movimento comandado por Marc Bloch e Lucien Febvre, são anunciados “novos métodos”, “novos objetos”, “novas abordagens”, enfim outros interesses; sempre voltados para os estudos que abarcaram a longa duração e os ciclos e interciclos do tempo médio, que, por sua vez, também fizeram falar as ausências. Assim, Georges Duby um de seus maiores expoentes, ateu-se aos acontecimentos que envolveram a memorável *Batalha de Bouvines*, retomando com justeza, um espaço de reflexão para o tempo curto.

Dentro desse movimento de retorno da historiografia francesa à biografia, destacam-se as obras escritas por Jacques Le Goff, *São Luís* (1999) e *São Francisco de Assis* (2001), que retomam a importância do gênero biográfico. Apesar de nosso estudo se deter nos aspectos pedagógicos da ação do missionário franciscano frei João de Santa Ângela Alagoas, sobretudo no que se refere aos primeiros indícios de cultura letrada em Alagoas – não podemos escapar a uma incursão em torno de sua vida, a partir de relatos de alguns historiadores e cronistas, uma vez que desconhecemos a existência de textos biográficos sobre o mesmo. Dessa forma, é importante ressaltar o entendimento de Le Goff sobre o tema biografia. Esta não pode ser senão a tentativa de descrever uma figura individual, sem logicamente separá-la de sua sociedade, e seu contexto cultural, pois não há oposição entre indivíduo e sociedade e, sim, uma permanente interação entre eles. Assim, não é possível compreender toda a riqueza de um indivíduo, sem religá-lo ao

conjunto de valores da sociedade em que viveu, da qual ele recebeu certos traços, que o marcaram retribuindo a isso com sua ação e sua imagem (LE GOFF, 1998).

A carência de referências em torno da ação missionária e educacional dos franciscanos em Alagoas e, em especial, sobre frei Santa Ângela, nos levou a análise de publicações voltadas tanto para história de Alagoas de um modo em geral, quanto para sua história literária; na tentativa de apreendermos elementos significativos do universo no qual frei Santa Ângela viveu e produziu seus escritos, nos quais buscava por meio de uma “pedagogia do exemplo” difundir concepções voltadas para a formação do ‘homem ideal’, nos âmbitos cristão e civil.

Dessa forma, um dos aspectos que buscamos evidenciar, diz respeito ao projeto evangelizador e educativo da Ordem franciscana para o Brasil e mais especificamente para Alagoas, e a forma como frei Santa Ângela se insere nesse propósito, atuando como professor, poeta, escritor e orador sacro, no território alagoano e em regiões próximas. Herdeiros de uma longa tradição intelectual e poética, os missionários da Ordem preconizada por Francisco de Assis, desde que chegaram ao Brasil, se ocuparam com a formação de religiosos e leigos.

Mesmo considerando que os franciscanos têm uma história um tanto incomum com as letras. São Francisco de Assis, quando fundou a Ordem, não desejava que os frades possuíssem livros e muito menos se dedicassem aos estudos. O Santo de Assis talvez visse uma incompatibilidade entre a forma de vida franciscana, cujo mote principal baseava-se na pobreza, na simplicidade de vida e na humildade, e a vida de quem conhecia as letras, em geral um privilegiado, um mestre e guia das massas ignorantes (SANGENIS, 2006, p. 48-49).

A relação com os estudos tornou-se sinal de contradição tanto dentro da Ordem, quanto para aqueles que escreveram sobre ela, constituindo-se em um problema de fundo do franciscanismo, que nos leva a indagar: qual a relação entre a pobreza e o saber? São Francisco, em seu *Testamento*, não só quer que sejam colocados num lugar mais digno os manuscritos “contendo as palavras do Senhor” mas deixa prescrito que os irmãos devem honrar e venerar os teólogos “que nos fornecem o espírito e a vida” (LE GOFF, 2001). Coube ao ministro-geral da Ordem, frei Boaventura (1257-1274), integrar definitivamente a posse de livros na própria

natureza da Ordem (idem, 218). Assim, “longe de considerar a ciência e o livro como um monopólio dos clérigos, ele tinha a ciência como um instrumento a serviço do apostolado, recomendava aos frades que escrevessem livros de vulgarização a serviço dos leigos” (idem, p. 219). É esse espírito que irá inspirar frei Santa Ângela a ensinar, escrever e pregar em terras alagoanas e adjacentes, contribuindo para o desenvolvimento da cultura letrada e para a disseminação de modos e hábitos tidos como civilizados e virtuosos, a partir dos padrões europeus.

Para análise da presença dos franciscanos em Alagoas precisamos considerar, para além do âmbito formal, outros modos de educar, representados pelos símbolos e arquétipos criados para o povo pela religião oficial e pela religiosidade popular, pelos sermões dos missionários, pelas festas e devoções, pela vida dos santos que serviam de modelo e de referência. Em tudo isso, destacaram-se os franciscanos, sempre plásticos na criação desses símbolos que, ainda hoje, povoam o imaginário popular (SANGENIS, 2006).

O Estabelecimento dos Franciscanos no Território Alagoano e o Desenvolvimento do Processo Evangelizador e Educativo²

A ocupação do território que atualmente compreende o Estado de Alagoas se deu a partir de três frentes distintas: Porto Calvo, Alagoas (atual Marechal Deodoro) e Penedo (DIEGUES Jr., 1980). Nos primeiros séculos de seu povoamento, manteve-se nessa região um modo de produção centrado na cultura açucareira, no qual os engenhos exerceram um papel preponderante dentro de toda dinâmica social, política e econômica.

Pode-se dizer que data daqui – segunda metade dos anos de 1500 – segunda metade dos anos de 1500 – a estruturação do *projeto político-pedagógico* de caráter oficial – se assim se pode chamar – que iria combinar a pouca necessidade de *instrução letrada* para o atendimento às demandas da Coroa e do senhoriado local nos escassos centros urbanos existentes, com a *educação catequética dos colonos*, dos *escravos* que passam a ter o seu número sempre mais acrescido em terras alagoanas, assim como dos *índios* que sobreviveram ao extermínio inicial, estes em franco processo de aldeamento sob a guarda de

ordens religiosas como os capuchinhos, os franciscanos, os beneditinos, os carmelitas e os jesuítas (VERÇOSA, 2001, p. 158).

Quanto à presença dos jesuítas em Alagoas, sabemos que em meados do século XVII existiu uma escola fundada por essa Ordem onde hoje se localiza a cidade de Porto Real do Colégio, às margens do Rio São Francisco. Como se destinava exclusivamente a exploração da atividade agropecuária, segundo Duarte (1961, p. 28), tratava-se do “ensinamento misturado à catequese, ensino que ia das primeiras letras até a recitação da jaculatória e à redação de bilhetes”. Data também desse período o estabelecimento definitivo dos missionários franciscanos no território alagoano. Conforme frei Jaboatam (1980), atendendo as

3 petições de 3 partes em que se pedem Conventos a saber: a cidade de São Christovão de Sergipe delRey, da Villa do Penedo do Rio Saõ Francisco e da Villa das Alagoas em que com grande instancia pedem as Câmaras, e Povos, daquelles districtos se lhes dem Religiozos para nelles fundarem Conventos. (grifo meu)

Naquelas vilas foram erguidos os dois conventos da Ordem em terras alagoanas, que serviram de base estrutural para evangelização/educação da população local, seja através do ensinamento das primeiras letras aos seculares ou na preparação de futuros religiosos. Segundo Costa (1983, p. 127-128), “os conventos franciscanos de Penedo e Alagoas, mais ou menos contemporâneos na fundação, é que foram os núcleos da nossa educação mental”. No início do século XVIII, foram criadas aulas gratuitas de gramática nos conventos franciscanos de Alagoas. De modo geral, as escolas conventuais eram freqüentadas pelos

filhos dos moradores, atendendo aos pedidos das câmaras das Vilas, pessoas principaes, e devotas, e a falta, que havia de quem os ensinasse, e os descommodos que se seguião e impossibilidades para os mandarem aos estudos das Praças de Pernambuco; nem se poderem sustentar mestres pagos na Villa, o que fazem os Religiozos athe o prezente sem estipêndio algum do povo, ou da Câmara (JABOATAM, 1980, p. 514).

Na *Crônica do Penedo*, escrita por Carotá (1872), observa-se na passagem a seguir o quanto à freqüência às esco-

las conventuais era motivo de desejo daqueles que não podiam acessá-la, principalmente pelo prestígio a ela conferido:

desta aula conta-se o seguinte fato, asseverado pelos velhos da terra: um cego muito inteligente, chamado José Joaquim, acompanhava o irmão que era estudante, e colocava-se na porta da sala de aula, de onde podia escutar tudo o que se dizia; com tanto proveito escutou durante alguns anos, que veio afinal a saber latim. O irmão a quem o cego acompanhava professou na Ordem Franciscana, e foi Frei José de S. Vicente Ferreira.

Nesse período, quando ainda eram poucos os que dominavam os rudimentos da cultura letrada na então comarca de Alagoas, são principalmente os religiosos franciscanos que terão destaque no cenário intelectual e educativo alagoano, cujo

ensino, com que se instruem e se educam nossos primeiros escritores, é pautado dentro de critérios que visam à formação clássica e à cultura teológica dentro dos padrões da latinidade, catolicidade romana e literariedade lusitana. É, pois, muito flagrante a presença dos autores clássicos latinos, lidos e imitados, e da oratória portuguesa. Todo esse trabalho com o ensino, instrução e educação não era, porém, aberto e franco, disseminando vigorosamente a cultura no seio do povo, mas bem ao revés, muito restrito, no recesso dos conventos, chegando somente a alguns poucos escolhidos (GALVÃO, 1979, p. 05).

Dos religiosos oriundos dos conventos das vilas de Alagoas e Penedo, destacamos, entre outros, as figuras do frei João Capistrano de Mendonça (1823?-1858), frei Joaquim da Purificação Alagoas (1812?-1863), frei André de Santa Teresa de Jesus (1784-1835), frei José de Santa Margarida de Cortona Fiúza e frei João de Santa Ângela Alagoas (1709-1756); este um dos precursores da literatura alagoana, intelectual cuja concepção encontra-se inerentemente ligada aos padrões e valores católicos, romanos e franciscanos.

As Orientações Pedagógicas de Frei João de Santa Ângela Alagoas: Exaltação do Monarca D. João V – Modelo de Sabedoria, Coragem e Bondade

Foi no reinado de D. João V (1706-1750) que a Província franciscana do Brasil foi tomada sob a proteção efetiva

da Coroa portuguesa. Em 30 de agosto de 1707 o monarca português em “consideração ao bom exemplo, e virtudes com que vivem os religiosos da província de Santo Antônio do estado do Brasil”, como também pelo “zelo do serviço de Deos, e bem das almas, rogando a Deos nosso senhor pela conservação e estado deste reino...” (ALMEIDA, 2000) concede a assistência real aos religiosos franciscanos estabelecidos no território brasileiro. A partir de então, a relação desses religiosos com o governo de Portugal, no Brasil, será caracterizada por uma troca de benefícios, com momentos de maior e de menor aproximação entre ambos, a depender principalmente das necessidades e dos interesses de cada um. Naquele momento o suporte religioso era fundamental para a conservação e manutenção do projeto colonial. Em contrapartida, os franciscanos necessitavam de recursos econômicos para a construção de seus templos, dentre eles o suntuoso convento de São Francisco de Salvador (idem, p. 169-170), cuja construção foi iniciada ainda na primeira metade do século XVIII.

Com o passar do tempo essa relação vai se desgastando, sobretudo após a morte de D. João V (1750). A proibição da construção de novos conventos e posteriormente do noviciado, determinada pela Coroa portuguesa, tinha intenção de estreitar a fiscalização e o controle sobre a ação das ordens religiosas, culminando na expulsão dos jesuítas, em 1759. Possivelmente, a lembrança de um período mais harmônico e próspero, sob a comodidade oferecida pela proteção real, personificado na figura do *Magnânimo* D. João V – que se valeu da extração do ouro brasileiro para ostentar a opulência e o luxo de sua Corte – será uma das fontes de inspiração do frei Santa Ângela para elaboração de seus escritos, especialmente sua *Oração Panegírico Fúnebre na Morte do Fidelíssimo e Augustíssimo Rei Dom João V*, onde a figura do monarca é utilizada como modelo de sabedoria, coragem e bondade. D. João V, que entre “os Varões mais insignes, e Heróis mais ilustres, que encheram de pasmo a terra, e de assombro o universo... [é] o imortal Nome do mais preclaro Herói, que conheceu a terra, e desconheceram a idade...” (SANTA ÂNGELA. In: CASTELLO, 1975, p. 111-112).

Frei João de Santa Ângela Alagoas faz parte de uma elite letrada, que tem suas origens na reclusão dos claustros dos conventos franciscanos de Alagoas, uma vez que estes se tornaram os principais núcleos de formação dos primeiros intelectuais alagoanos, que se deixaram influenciar sobretudo pelas obras de autores consagrados, como o Padre Antônio Vieira e frei Vicente do Salvador, este autor da primeira *História do Brasil* escrita por um brasileiro, no

início do século XVII. Nascido em 1709, na vila de Alagoas (atual Marechal Deodoro), filho de Braz Martins Correia e Ângela Gonçalves Moraes, frei Santa Ângela ingressou ainda jovem na Ordem franciscana, professando no Convento de Santo Antonio da Vila de Igarapu, Pernambuco, em 1725. Concluiu os estudos no Convento de Olinda, onde se tornaria depois ‘Mestre de Vésperas’ de Teologia.

Sua produção – como fruto do tempo em que frei Santa Ângela viveu – é marcada por uma forte influência barroca, que prevalecia de forma tardia nos campos arquitetônico e artístico brasileiro. Sua extensão na literatura configura o estilo denominado de Barroquismo Religioso, como o próprio nome sugere, empregavam-se alguns recursos lingüísticos (metáfora, paradoxo, hipérbole) exclusivamente para divulgar a mensagem religiosa. Esta concepção está presente nos títulos de alguns textos do frei João de Santa Ângela Alagoas escritos em português e em latim: *Verso e Sermão em Rosário*; *Gemidos Seráficos* (1755); *Conclusiones Varie Theologiae, ad Mentem Subtilissimi Doctoris Marianni*; *De Incarnatione, de Beatitude, de Gratia Santificante e Grata Nuncupatio* (1754), trabalho oferecido a um teólogo amigo, composto de 516 versos heróicos, publicados em folheto. Integram ainda sua obra as *Quatro Conclusões, umas de Lógica, Física e Matemática e três de Teologia*; *Venerabilis Patris Joannis Duns Scoti* (1754) e a *Oração Panegírico Fúnebre na Morte do Fidelíssimo e Augustíssimo Rei D. João V*, esta publicada em Lisboa, no ano de 1755/56, onde frei Santa Ângela exalta a sabedoria e a vontade do monarca de governar com o coração inclinado para os preceitos divinos (BARROS, 2005; CAVALCANTE, 2005).

É importante também ressaltar, no rastro das influências recebidas por nosso missionário/educador, que o simbólico, a alegoria, a metáfora, a poesia foram elementos preferencialmente utilizados pela linguagem franciscana, inclusive na sua modalidade científica (SANGENIS, 2006, p. 171). A respeito de São Francisco de Assis, sabemos que o mesmo não foi um escritor, mas um missionário que completou com alguns escritos uma mensagem da qual tinha transmitido o essencial pela palavra e pelo exemplo (LE GOFF, 2001, p. 93). Certamente é essa a função que assume o escrito também para frei Santa Ângela, e tantos outros confrades: um meio para reafirmar valores e normas, cujas bases encontram-se manifestas nos procedimentos e na oralidade; fundamentos concebidos a partir dos modelos de penitência, pobreza, humildade, pureza, oração e santidade, que caracterizam a Ordem franciscana desde os seus primórdios.

Por outro lado, a obra de frei Santa Ângela se insere numa tradição, num conjunto de regras clássicas considera-

das como expressão de uma lei interna ao mesmo tempo à natureza e a razão, dentro de características que seguem tendências clássicas, como à adoção de sentido sob uma perspectiva humana e cultural (Brandão, 2001). Podemos inferir que a herança poética exposta nas obras de frei João Alagoas tem raízes anteriores ao Cristianismo, na Grécia arcaica, mas precisamente nos poemas de Homero: *Odisséia* e *Iliada*. Nelas o poeta grego tenta transmitir mensagens educativas sobre bravura, heroísmo, astúcia, enfim, tudo o que se exigia de um jovem guerreiro. Estamos diante de uma “pedagogia do exemplo”, na qual um indivíduo (*Aquiles* para os gregos) encarna o modelo ideal, mais completo de formação, ligado a excelência e ao valor (CAMBI, 1999).

O sermão em memória póstuma à morte de D. João V foi inicialmente pregado no convento de Santo Antônio, em Ipojuca, Pernambuco. Nesse discurso, a figura do monarca personaliza o ideal de sabedoria e entendimento, bondade e firmeza, em quem tudo isso “parecia natural, e com ele nascido do ventre materno: mas como não havia [de] ser assim, quem nascia para um Monarca Grande!” (SANTA ÂNGELA. In CASTELLO, 1975, p. 117). Comparado aos grandes nomes da tradição cristã-católica,

também nosso Monarca Dom João o V não faltou o dom da sabedoria, em quem resplandeceu com tanto excesso, como podem testemunhar todas as ações de sua vida, que foram reguladas todas com tal prudência, que parecia que só a sabedoria era a árbitra, (sic) e conselheira das suas determinações; ou fossem estas particulares, ou fossem públicas; ou fossem militares; ou fossem políticas, ou fossem dirigidas ao Reino, ou fora dele (idem, p. 116-117).

Na leitura do panegírico, vemos como as concepções e valores transmitidos cristalizam-se em todo o conjunto de imagens e estruturas repetidas a exaustão por nosso poeta colonial. Dessa forma, a mediação do poeta com seu leitor se dava basicamente pela via do sistema educativo, na medida em que utilizavam os mesmos exemplos e as mesmas bases culturais e estéticas vigentes nos países europeus. O leitor ou o expectador se reconhecia no poema, sintonizando sua sensibilidade na longa cadeia da tradição de que o poeta era porta-voz e o continuador. Nesse contexto, o uso das imagens ganhava uma importância extraordinária como princípio estrutural que tornava possível a prática mimética, abrangendo os planos histórico-cultural, pedagógico e poético, e cujas formas mais típicas de manifestação eram o

modelo e o exemplo (BRANDÃO, 2001), que ainda remetem a pedagogia homérica: “Rei mais sábio, e entendido”, “Monarca mais generoso, e magnânimo”, “fidelíssimo e augustíssimo Rei de Portugal, o Senhor Dom João V”.

Bento Teixeira (1565-1600) foi o primeiro a reproduzir no Brasil o modelo épico camoniano. Sua *Prosopopéia* (1601) é uma homenagem ao então governador de Pernambuco, Jorge de Albuquerque Coelho. Adotando o gênero oficial com que as culturas tradicionais costumavam exaltar suas figuras mais ilustres, não apenas por sua existência e atuação reais, mas sobretudo na qualidade de heróis que representavam os valores e as aspirações das elites do tempo. Dessa forma, “o poeta épico é a voz que difunde os feitos civilizadores dos grandes heróis...” (BRANDÃO, 2001). No caso de frei João de Santa Ângela, D. João V, “o Monarca mais Sábio do Mundo”, aquele que “não podia deixar de ser grande, e muito grande o coração de um Monarca, que em tudo foi tão pio, e amante de Deus, que sempre se ajustou com os seus Divinos preceitos...” (SANTA ÂNGELA. In CASTELLO, 1975, p. 125-126).

A obra de frei Santa Ângela tem finalidades bem definidas: confirmar o pacto entre Igreja e Estado, exaltando a figura do Monarca, uma vez que na cristandade colonial, ser cristão era ser fiel à Coroa portuguesa:

Ó Monarca verdadeiramente Sábio! Ó Rei sabiamente verdadeiro! E sem dúvida, Senhores, que um Rei tão Sábio, e entendido, e que assim governou com tanto acerto da prudência, e sabedoria, não era para os limites de Portugal o seu mando, e império: a mais Mundo se podia estender sua sabedoria. Porque um Rei tão dotado de ciência, merece ser Monarca de todos os mais Reis do Mundo: um Monarca tão Sábio, que por antonomásia lhe é devido o nome de Sábio, merece e se faz digno das demais coroas do mundo (SANTA ÂNGELA. In CASTELLO, 1975, p. 121).

E transmitir orientações para os fiéis que assim deveriam também reconhecer a grandeza do rei, que encarna o modelo mais completo de formação, ligado a excelência e ao valor moral e espiritual. Ressaltando que, nesse período, a fidelidade ao cristianismo e a Coroa constituía uma mesma unidade. É assim que “no coração do nosso Monarca quantas vezes ardendo o amor de Deus, se enternecia pelos pecados do mundo, desejando que todos se salvassem, guardando os Divinos preceitos, fazendo por este motivo o que Deus queria, e obrava o Batista” (idem, p. 127). Justificando

a convenção existente entre a Igreja e o Governo de Portugal, durante o período de expansão do domínio desse reino, frei Santa Ângela faz alusão ao trabalho apostólico e civilizador desenvolvido por essas Instituições, sob o comando do aclamado líder português:

...Olhai também para o nosso Portugal, e para todas as Regiões do seu Domínio, e vereis também ao nosso Monarca pregando por meio dos seus Missionários penitência incansavelmente, só movido pela piedade, e zelo da salvação das almas; [no] mundo quase inteiro, aonde tem seus Domínios: Em Portugal, na Ásia, África, e América, sendo tão repetidas as Missões por mandado deste piedoso Monarca... (idem, p. 127).

Indo ainda mais além, falando especificamente do trabalho missionário empreendido no Brasil, considera que

...sendo só treze os Conventos desta Província, achavam-se por repetidos anos vinte e seis Missionários atualmente desta Seráfica Ordem, e Província saindo de cada Convento dois Obreiros Evangélicos, que penetrando o mais recôndito destes sertões, e atravessando o mais fragoso das suas serranias, e montanhas, iam conquistando para Deus outros tantos Mundos, quando se avaliam pelo dilatado destas terras; e isto sem falarmos em outros Missionários das demais Sagradas Religiões, que se achavam neste Pernambuco, que em todos e em cada um pregava o nosso defunto Monarca penitência (idem, p. 127).

A morte de D. João V deixa todo o “Reino sem Rei, este Hemisfério sem Sol, e todo Orbe sem luz”. Na falta do monarca, “quem nos há de reger? Quem nos há de iluminar? Quem nos há de defender?” Frei Santa Ângela não tarda em esclarecer tais questões:

Alvissaras, ó Portugueses, que aqui, que haviam substituir, setenta e dois Joãos, há de substituir, e gozar, como com efeito, goza, e substitui um só José, que por ser único é o primeiro. E com muita razão; porque só o seu nome está indicado a mesma felicidade... E parece que só um José Primeiro havia de substituir a um João Quinto (idem, p. 135).

Mantendo-se fiel aos fundamentos que orientam toda a sua escrita, aclama o novo monarca luso, ao mesmo tempo

em que recomenda a “Bem-aventurança” àquele que havia falecido. Certamente o novo representante da monarquia portuguesa irá personificar, aos olhos de frei Santa Ângela, uma série de qualidades excepcionais; o que justificará sua adoção como modelo incontestável de justiça e retidão moral, a seguir seguido por todos os fiéis e súditos que integram o reino português, seja na metrópole ou nas colônias.

Considerações finais

Retomando a historiografia alagoana, observamos que os principais pesquisadores que se ocuparam da história local, a partir dos primeiros séculos de povoamento, são unânimes quanto à importância da contribuição dos missionários franciscanos para a formação letrada dos alagoanos. No período situado por Craveiro Costa (s/d), como marco inicial da “formação mental” dos alagoanos, temos frei João de Santa Ângela Alagoas, intelectual de destaque, cujas orientações pedagógicas contidas em suas obras, ajudaram a disseminar a cultura letrada em Alagoas e em outras regiões, especialmente, da Capitania de Pernambuco. Assim, num “ambiente pouco propício para o florescimento das letras”, onde saber ler e escrever era privilégio de poucos, e “não era mesmo considerado coisa de grande importância pelos senhores feudais, que em geral, assinavam de cruz os rabiscos indecifráveis com que se grafava a algaravia oficial” (idem, p. 132); frei Santa Ângela desenvolveu um papel preponderante, na transmissão de valores e preceitos ligados aos ideais de civilidade e cristandade.

Concluimos que, para o missionário franciscano frei João de Santa Ângela Alagoas, letras e orações estavam a serviço da religião e da moral civil, através da valorização de modelos concebidos a partir de padrões europeus. Suas orientações pedagógicas estavam voltadas para formação de costumes e hábitos de acordo com a tradição cristã e também com os ideais de civilização, segundo padrões ocidentais de sua época. Desse modo, o escritor, como educador que era, impunha-se a tarefa de afastar o leitor (o “educando”) das realidades “brutais”, “irracionais”, “desarmônicas” ou “condenáveis”, impondo-lhes os padrões do espírito, da moral e do ser (BRANDÃO, 2001, p. 28).

Em seu discurso solene, vimos como frei Santa Ângela projeta na figura de D. João V tais valores e preceitos, vinculados aos ideais cristãos e civis. É por meio de uma “pedagogia do exemplo”, na qual o monarca português personifica esse ‘homem ideal’, modelo de sabedoria, coragem e bondade; que o missionário/educador buscou trans-

mitir orientações para fiéis e súditos, com a intenção de que estes pudessem incorporá-las, adentrando assim no mundo cristão e ‘civilizado’.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Marcos Antônio de. Franciscanos entre a prática do franciscanismo colonial e a realidade colonizadora: da interdição à negociação. In: ALMEIDA, Luís Sávio de. et al. **Índios do Nordeste: temas e problemas 2**. Maceió, 2000. p. 169-203.

ALTAVILA, Jayme de. **Gênese e desenvolvimento da literatura alagoana**. Maceió: Typografia Oriental, 1922.

BARROS, Francisco Reinaldo. **ABC das Alagoas: Dicionário Bibliográfico, Histórico e Geográfico de Alagoas**. Brasília: Edições do Senado Federal, 2003. Tomo II.

BRANDÃO, Roberto de Oliveira. **Poética e poesia no Brasil (Colônia)**. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 2001.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999. (Encyclopaideia)

CAROATÁ, José Próspero J. S. **Crônica do Penedo**. Maceió: Departamento de Educação e Cultura, 1962.

CAVALCANTE, Simone. **Literatura em Alagoas: Ensino Médio e Vestibular**. Maceió: Scortecci/Grafmarques, 2005.

COSTA, Craveiro. **História das Alagoas: resumo didactico**. São Paulo/Cayeiras/Rio: Comp. Melhoramentos de São Paulo, s/d.

DIÉGUES Jr., M. **O bangüê nas Alagoas**. Maceió: EDUFAL, 1980.

DUARTE, Abelardo. **História do Liceu alagoano**. Maceió: Departamento Estadual de Cultura, 1961.

GALVÃO, Aloysio Américo. A literatura em Alagoas (Sinopse periodológica). In: **Documentário das Comemorações do Cinquentenário do Grêmio Literário Guimarães Passos**. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 1979.

JABOATAM, Antonio de Santa Maria. **Novo orbe seráfico brasílico ou crônica dos Frades Menores da Província do Brasil**. Recife: Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco, 1980.

LE GOFF, Jacques. Á guisa do epílogo *Saint Louis*, uma tentativa de uma biografia completa. In: **Uma vida para a história – conversações com Marc Heurgon**. São Paulo: UNESP, 1998.

_____. **São Francisco de Assis**. 6. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001.

SANGENIS, Luiz Fernando Conde. **Gênese do pensamento único em educação: franciscanismo e jesuitismo na Educação Brasileira**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

SANTA ÂNGELA ALAGOAS, Fr. João de. Oração panegírico fúnebre na morte do fidelíssimo e augustíssimo Dom João V. In: CALTELLO, José Aderaldo. *O movimento academicista no Brasil*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1975. Vol. III, Tomo 3.

VERÇOSA, Élcio de Gusmão. **Cultura e educação nas Alagoas: história, histórias**. Maceió: Edufal, 1996.

_____. A formação dos professores em Alagoas: um olhar retrospectivo sobre suas origens. In: VERÇOSA, Élcio de Gusmão (Org.). **Caminhos da educação em Alagoas: da Colônia aos tempos atuais**. Maceió: Catavento, 2001. p. 155-178.

NOTA

¹ Mestranda em Educação Brasileira pelo Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, com trabalho de pesquisa sobre “A trajetória dos franciscanos em Alagoas e suas ações no âmbito educacional (século XVIII)”, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Maria das Graças de Loiola Madeira, e vinculado ao Grupo de Pesquisa Caminhos da Educação em Alagoas, coordenado pelo Prof. Dr. Élcio de Gusmão Verçosa. mnccsantos@bol.com.br